

“Ainda uma observação: se não sabemos explicar porque alguns indivíduos permanecem independentes, o fato é que isso ocorre. A mesma situação que provocou o conformismo de alguns, parece um desafio para outros. Isto talvez nos permita compreender que sempre haverá, apesar de todas as forças contrárias, os que serão capazes de perceber, como na história infantil, a nudez do rei.” (Dante Moreira Leite, 1974).

Diante da proposição inicial de analisar os escritos psicológicos de Dante Moreira Leite, pensamos poder assumir uma única postura, acadêmica e distante. Porém, no transcorrer do trabalho, percebemos que estávamos efetando duas leituras pessoais e parciais da obra, determinada por nossas subjetividades: interesses, valores, preconceitos.

Sentimos, também, que uma característica marcante de Dante Moreira Leite é sua postura independente e não conformista. De um lado, a liberdade na escolha temática, recaindo constantemente sobre temas academicamente não valorizados, voltados para a vida cotidiana do brasileiro. De outro, o próprio tratamento destes temas, refletindo um questionamento sistemático da objetividade científica.

O resultado foram dois artigos abordando temas diferentes tendo, porém, uma característica em comum: tentam compreender como Dante Moreira Leite viu a nudez do rei.

F. R. e M. G.

UM PSICÓLOGO NA LITERATURA INFANTIL

FÚLVIA ROSEMBERG *

Ainda como estudante, Dante Moreira Leite empreendeu suas primeiras pesquisas sobre literatura infantil (1950 a e 1950 b). Nestes trabalhos, pioneiros em nosso meio, analisa valores, preconceitos e estereótipos transmitidos por livros de leitura da escola primária¹.

Depois de abandonar provisoriamente o tema, dedicando-se principalmente ao estudo do caráter nacional, volta a interessar-se pela literatura infantil no fim da década de 50. Agora, sua contribuição não se restringe apenas ao estudo empírico de novos

livros didáticos, mas tenta “compreender como a leitura e outros meios de comunicação poderiam influir no desenvolvimento da criança” (Memorial, p. 5). E, em sua tentativa, esmiúça o significado da literatura infantil, contribuindo tenazmente para a eliminação da idéia preconcebida, oriunda da psicologia ingênua e compartilhada em parte por educadores, de que existe uma conexão linear entre o conteúdo dos meios de comunicação e o comportamento dos leitores infantis e juvenis.

A INFLUENCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Durante os anos 50, educadores denunciam frequentemente o conteúdo violento das histórias em quadrinhos, dos contos populares, da televisão e do cinema, como sendo os únicos, ou os principais responsáveis pelo fenômeno emergente da delinquência juvenil. Esta caça às bruxas suscitou uma multi-

* Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

¹ Curiosamente, em São Paulo, a década de 50 presenciou os únicos estudos sobre análise de conteúdo dos livros didáticos e histórias infantis: TOLEDO (1952/1953 e 1957), BAZZANELLA (1956), HOLLANDA (1958) e o importante projeto de KLINEBERG e COSTA (1956), infelizmente nunca efetivado.

plicidade de experimentos em vários países e estimulou também certos psicólogos a enfrentar o emaranhado dos problemas cotidianos, bem longe da tranqüila assepsia dos laboratórios².

Dante Moreira Leite aborda o tema em quatro estudos. Cronologicamente: "O brinquedo, a leitura e a criança" (1958), "Análise de conteúdo dos livros de leitura da escola primária" (1960), "A influência da literatura na formação da criança" (1961) e "Psicologia e literatura" (1964, parte III).

Nestes trabalhos, analisa as implicações subjacentes à censura exercida por educadores ao conteúdo produzido para, ou apossado pela criança e pelo jovem. A aceitação da censura como princípio pedagógico, ou protecionista, subjaz a crença de que a principal função da literatura infantil seja ensinar. Admitindo que a atuação do conteúdo opere exclusivamente ao nível do consciente pode-se, então, legitimamente supor que o lido, o visto e o ouvido atuem diretamente sobre o comportamento. Daí o caráter pedagógico e "prosaico", a falta de conflitos e a morosidade de tais conteúdos.

A esta valorização excessiva dos aspectos racionais da literatura infantil, Dante Moreira Leite propõe uma outra visão, baseada em postulados psicanalíticos e no princípio do conflito e da tensão.

FUNÇÃO SIMBÓLICA E CATÁRTICA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil (e a literatura em geral) recriam a realidade em universo simbólico. O distanciamento produzido por esta mediação permite, de certa forma, que o leitor se utilize da literatura para solucionar problemas pré-existentes à leitura. Neste sentido, a função educativa da literatura infantil, mesmo aquela evadida de agressividade e violência, seria permitir a expressão inofensiva de conflitos que "para a criança provém principalmente de sua ambivalência diante dos pais e irmãos. Se os pais representam as suas fontes mais importantes de segurança e satisfação efetiva, são também fontes inevitáveis de frustrações. Como fontes de frustrações os pais são alvos de agressividade, consciente ou inconsciente, das crianças. De outro lado, como são também figuras admiradas e queridas, a sua destruição consciente provoca angústia (...)". A literatura infantil distanciada do real pela fantasia, "permite a expressão simbólica dessa agressividade, isto é, permite lançá-la em figuras conscientemente neutras" (1961, p. 7).

² Na França, por exemplo, ZAZZO tratou do problema numa conferência proferida na *École des Parents*. A reação apaixonada da imprensa levou-o a precisar detalhadamente seu ponto-de-vista no excelente texto: *Tirez sur le cowboy, mais tirez just* (1968).

Neste sentido, "a literatura não ensina comportamentos indesejáveis mas, ao contrário, permite que tais comportamentos encontrem uma expressão inócua" (1960, p. 106). E se as várias formas de comportamento expressivo permitem uma expressão inócua da agressividade, poderão, afinal de contas, diminuir os choques e frustrações dos leitores.

Apesar de encampar tais princípios da teoria psicanalítica, Dante Moreira Leite não deixa de reportar e analisar os estudos empíricos tratando da influência da leitura nos comportamentos dos leitores. "É fácil compreender as imensas dificuldades existentes para a compreensão dessa influência. Em primeiro lugar, seria preciso distinguir entre o efeito imediato, que ocorre durante a leitura ou em período imediatamente posterior — e a influência indireta ou mediata, que poderia ser identificada em período relativamente distante. Nada impede que esses efeitos sejam opostos. Assim, seria possível imaginar que uma história de violência tenha como efeito imediato um aumento na agressividade do indivíduo, e como efeito mediato uma redução do mesmo impulso. Em segundo lugar, parece necessário distinguir entre a possível influência da obra literária e os efeitos da propaganda. Como se procurou sugerir através deste ensaio, a obra literária sempre apresenta estímulos ambíguos, isto é, que podem ser interpretados de muitas formas; na propaganda, ao contrário, as alternativas de escolha são intencionalmente reduzidas e o leitor encontra estereótipos ou definições e valorizações muito nítidas (...). Para compreender a influência da literatura seria também necessário considerar as diferenças individuais, e não apenas as características de determinada obra literária; isto é tão necessário quanto mais literária seja a obra considerada, pois maior será a sua riqueza e maiores as possibilidades de interpretações contraditórias" (1964, p. 239-240).

Entre os trabalhos empíricos, a maior ênfase é dada aos estudos que procuram compreender como os diferentes leitores se utilizam de um mesmo conteúdo que teria então significado dependente da criança ou do jovem que o lesse. E a alta correlação observada, por exemplo, entre leitura de estórias em quadrinho, tempo de presença diante da televisão, etc., e delinqüência juvenil não implicaria em relação vertical (de causa e efeito) mas em relação horizontal, isto é, seriam efeitos paralelos de um mesmo fenômeno mais geral. Assim, admite ao mesmo tempo não ser a criança uma tabula rasa e nem a literatura uma caixa de surpresas: a sociedade não é inocente do conteúdo que produz. "Se vemos adolescentes a praticar comportamentos imitados de heróis literários podemos estar certos de que tais heróis foram, por sua vez, criados a partir de uma realidade social contemporânea. Podemos estar certos, também, de que tais comportamentos correspondem a necessidades latentes desses jovens,

pois muitos outros, submetidos ao mesmo processo de aprendizagem, não apresentam comportamentos iguais" (1961, p. 5).

TENSÃO E EQUILÍBRIO NA LITERATURA INFANTIL

A grande originalidade de Dante Moreira Leite no domínio da literatura infantil provém do emprego que faz dos conceitos de equilíbrio e tensão na literatura de ficção.

O conceito de equilíbrio, de busca de equilíbrio, de estabelecimento de homeostase é central em praticamente todo teórico da Psicologia (Freud, Piaget, Lewin, etc.). Adotando porém os ensinamentos de HEIDER, Dante Moreira Leite dirá também que "pode haver uma tendência para abandonar o equilíbrio cômodo, e procurar o novo e a aventura. A tensão provocada por situações desequilibradas tem, muitas vezes, um efeito agradável para nossos sentimentos estéticos e nossos pensamentos" despertando, às vezes, "como outros padrões que contêm ambigüidades não solucionadas, poderosas forças estéticas, de natureza mágica ou cômica" (1964, p. 141).

Do mesmo modo, "se pensamos num organismo que sempre procura o equilíbrio, não podemos entender a leitura de ficção, pois esta, inevitavelmente, coloca o indivíduo em estado de tensão" (1964, p. 243). "Quando o leitor se entrega a um conto ou a um romance, procura uma situação de desequilíbrio, freqüentemente porque sente necessidade de estímulos mais intensos que os oferecidos pela sua vida cotidiana. Uma vez integrado na leitura, o seu esforço se dirige para a busca de uma situação de equilíbrio, que só pode ser obtida no fim do romance

ou conto" (1964, p. 245). Além de adotar o conceito de tensão para explicar o ato criador e a leitura, Dante Moreira Leite postula a existência de um nível ótimo de tensão. A literatura infantil (e a literatura geral) deve lidar com um nível ótimo de tensão pois "se a história não apresentar uma situação de tensão, torna-se insatisfatória; se apresentar uma situação de tensão demasiadamente intensa provoca angústia" (1960, p. 109).

Quando os educadores protegem os leitores, censurando os livros, eliminando conflito do conteúdo destinado a crianças, conferindo um tom "prosaico" aos textos escolares, estão apenas preocupados com a redução da angústia. "Os seus autores pretendem evitar as tensões, hipoteticamente prejudiciais ao desenvolvimento infantil, e inventam histórias sem qualquer conteúdo significativo, sem consistência psicológica e sem poesia" (1961, p. 4).

Na verdade, a preocupação sistemática com a eliminação do conflito, o moralismo maniqueísta (por força didática), a idealização do mundo e das pessoas, enfim, o excesso de proteção que se desprende da leitura de textos para crianças, acaba, tal qual o aprendiz feiticeiro, por desrespeitar o leitor infantil. "A criança não deseja encontrar uma literatura feita de cima para baixo, capaz de considerá-la um ser desprovido de imaginação e sensibilidade, ao contrário, desde muito cedo deseja ser vista como pessoa autônoma, capaz de distinguir e escolher" (1961, p. 4).

E, então, a tarefa do educador não será simplesmente a de afastar a criança das más leituras, mas sim colocá-la diante da "boa literatura infantil — isto é, aquela adequada à idade da criança, e capaz de interessá-la e conduzi-la a um universo mais complexo e mais rico" (1961, p. 8).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZZANELLA, W. 1957. Valores e estereótipos em livros de leitura. *Educação e Ciências Sociais*, 2 (4): 121-134.
- HOLLANDA, Guy de. 1956. A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de história destinados ao curso secundário brasileiro. *Educação e Ciências Sociais*, 1 (3): 77-119.
- KLINEBERG, O. e COSTA, Pinto L. A. 1956. *Projeto de estudo de estereótipos e valores na literatura pedagógica brasileira*. Comunicação apresentada ao C. B. P. E.
- LEITE, Dante M. 1950 a. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Boletim*, 119 — Série psicologia, 3. São Paulo.
- LEITE, Dante M. 1950 b. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Boletim*, 119 — Série psicologia, 3. São Paulo.
- LEITE, Dante M. 1958. O brinquedo, a leitura e a criança. *Pesquisa e Planejamento*, 2 (2): 11-17, jun.
- LEITE, Dante M. 1960. Análise de conteúdo dos livros de leitura na escola primária. *Pesquisa e Planejamento*, 4: 102-126, jun.; In: —. 1972. *O desenvolvimento da criança;* leituras básicas. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP. p. 285-308. (Atualidades pedagógicas, 109).
- LEITE, Dante M. 1961. A influência da leitura na formação da criança. *Atualidades Pedagógicas*, 12 (53): 2-8.
- LEITE, Dante M. 1964. *Psicologia e literatura*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura.
- LEITE, Dante M. 1973. *Memorial para o concurso de Professor Titular*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- TOLEDO, Maria da P. P. 1952/1953. Estudo psicanalítico dos contos infantis. *Boletim de Psicologia*, 4/5 (14/17): 52-53.
- TOLEDO, Maria da P. P. 1957. Estudo psicanalítico quantificado de dez contos infantis tradicionais. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Boletim*, 181 — Série psicologia, 5. São Paulo.
- ZAZZO, René. 1956. L'influence du cinéma sur les enfants. *L'École des Parents*, (3); In —. 1968. *Conduites et conscience II: théorie et pratique en psychologie*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- ZAZZO, René. 1968. Tirez sur les cow-boys, mais tirez juste. In: —. *Conduites et conscience II: théorie et pratique en psychologie*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.